

SPHRAGÍS: ASSINALADOS PELO SENHOR*

SPHRAGÍS: THEY ARE SIGNED BY THE LORD

Rodrigo Ladeira Carvalho**

Resumo

Este é um texto de teologia do sacramento do batismo. Trata-se de um estudo sobre o gesto ritual da *sphragís*, isto é, a persignação feita sobre a fronte do catecúmeno. O autor pesquisa seu fundamento na tradição do povo bíblico, no Antigo e no Novo Testamento. Estuda como esse gesto ritual aparece em textos de alguns Padres da Igreja (Ambrósio, Teodoro de Mopsuéstia e Cirilo de Jerusalém) e em alguns livros litúrgicos da CNBB, sublinhando a atualidade do aspecto teológico e pastoral desse gesto sacramental.

Palavras-chave: *Sphragís* (persignação); Sacramento do Batismo; Padres da Igreja.

Abstract

This paper is about the Theology of Baptism's Sacrament. It is a study about the ritual act of *sphragís*, i.e., the crossing on the forehead of the catechumen. The author inquires its fundament in the tradition of biblical people, both Testaments, and examines as this ritual act appears at some texts of some Church Fathers (Ambrose, Theodore of Mopsuestia and Cyril of Jerusalem) and at some liturgical books of the Brazilian Conference of Catholic Bishops, emphasizing the actuality of the theological and pastoral aspect of this ritual act.

Keywords: *Sphragís* (crossing oneself); Sacrament of Baptism; Church Fathers.

*"Põe-me, qual sinete, sobre teu coração,
como sinete, sobre teu braço" (Ct 8,6)*

A experiência eclesial cristã, desde seus primórdios, se caracteriza por uma miríade de gestos simbólicos como expressão de sua fé, já que não se pode simplesmente teorizar a ação divina. Os sacramentos são exatamente

* Artigo enviado em 03/10/2014 e aprovado para publicação em 04/11/2014.

** Mestrando em teologia sistemática pela FAJE / Bolsista CAPES. Email: ladeirarodrigo@gmail.com

isso, “[...] traduz[em] em gestos e em símbolos realidades invisíveis e inefáveis” (TEODORO DE MOPSUÉSTIA, *Homilia 12*). Mas, mesmo que minimamente explicáveis, não esgotam o mistério da fé. O simbolizado sempre nos escapa.

A *Sphragís* é desses gestos eloquentes, precisamente por sua singeleza, legado pela Tradição da Igreja, cuja compreensão é tão variada e rica que mereceu, no entendimento de Jean Daniélou, um capítulo específico em seu famoso *Bíblia e Liturgia* (2013, p.79-93. cap. III).

Esse rito remonta à Igreja Apostólica. Entre outras coisas, aparece como sinal de pertença, cuja prática já parecia bastante disseminada. “Quem nos ensinou a assinalar-nos com o sinal da cruz foram os que colocaram sua esperança no Senhor” (BASÍLIO DE CESAREIA, apud: DANIELOU, 2013, p. 79).

Interessa-nos recuperar as variantes de compreensão acerca desse modesto rito, com o fito de provocar uma faísca capaz de “incendiar” a vida do cristão hoje. É maravilhoso ser marcado por Cristo. Somos assumidos, assinalados com o nome de um Outro, do Senhor. Desde o primeiro passo, no batismo¹, o cristão é “tomado” pelo Espírito, feito “cristo”, filho no Filho.

Feitos, pois, partícipes de Cristo, não sem razão, sois chamados cristos e é de vós que Deus disse: “Não toqueis os meus cristos”. Ora, vós vos tornastes cristos, recebendo o sinal do Espírito Santo, e tudo se cumpriu em vós em imagem, pois sois imagens de Cristo (CIRILO DE JERUSALÉM, 1977, p.29).

Tomaremos, das catequeses mistagógicas dos Padres da Igreja dos primeiros séculos, seu uso e significado. Veremos que o rito da *sphragís* é tão importante que designava nominalmente o próprio batismo.

“Grande coisa é o batismo que propomos: libertação para os cativos, perdão dos pecados, morte do pecado, renascimento da alma, veste luminosa, **selo santo** e indelével, veículo para o céu, delícias do paraíso, pregação do reino, graça da adoção” (CIRILO DE JERUSALÉM, 1978, p.19)².

“*Sphragís* é um conceito central na história do sacramento da confirmação e mesmo do batismo” (TABORDA, 2001, p. 179). É tão

¹ Entendemos batismo sempre no conjunto da iniciação cristã, composta pelo trinômio Batismo-Crisma-Eucaristia. Veja em TABORDA, 2001. p. 23, uma salutar reflexão sobre o que ele chama de “degradação da iniciação cristã”. A *Sacrossanctum Concilium*, n. 71, acena para unidade fundamental da iniciação cristã, pelo menos no que tange a intimíssima unidade, quase que plástica, do Batismo com a Crisma.

² O mesmo consta em Gregório Nazianzeno: “Como Cristo, que no-lo deu, o batismo recebe muitos nomes diversos. [...] com as diversas denominações, nos são sugeridos os múltiplos aspectos deste benefício. Nós o chamamos dom, carisma, batismo, unção, iluminação, veste de incorruptibilidade, banho do novo nascimento, **selo**, e, em última instância, qualquer nome suscetível de honrá-lo com ele” (apud: BOROBIÓ, 1993, p.45).

relevante o rito da *assinalação* que, pelo menos nos primeiros séculos, designava o conjunto da iniciação cristã³.

1. O rito da *Sphragís*

No contexto batismal o rito da *sphragís* não tem lugar totalmente estabelecido nos testemunhos patrísticos. A nuance será verificada quando, feita em conjunto com a unção e imposição das mãos depois do banho, assumirá um caráter de assinalação crismal, de unção. Antes do banho regenerador a assinalação aparece sem maiores aparatos, mas nem por isso é menos importante.

(a) **pré-batismal**: no momento da inscrição do nome, como é o caso de Pseudo-Dionísio; entre a renúncia a Satanás e a imersão batismal, em Teodoro de Mopsuéstia e João Crisóstomo.

Depois dessas palavras, depois da renúncia ao diabo, depois da adesão a Cristo, como sois doravante de sua família e não tendes doravante nada mais de comum com o outro, [o sacerdote] pede imediatamente que recebas a marca; e sobre tua fronte ele traça a cruz. (JOÃO CRISÓSTOMO, *Terceira catequese batismal*, da série Papadopoulos).

(b) **pós-batismal**: Cirilo de Jerusalém e Ambrósio fazem-no após o batismo, compondo assim um dos gestos significativos do que chamamos crisma⁴.

Tomaste, portanto, parte dos sacramentos e tens pleno conhecimento de tudo, uma vez que és batizado no nome da Trindade. [...] Como? É Deus que te ungiu, é o Senhor que te marcou de um selo e infundiu o Espírito Santo em teu coração (AMBRÓSIO, 1972, VI, 2).

Interessante que o nosso atual *Ritual do Batismo de Crianças* conserve, logo no início dos ritos pré-batismais, um gesto de assinalação bem definido. “O rito começa pela acolhida das crianças, na qual se manifestam a vontade dos pais e padrinhos e o propósito da Igreja ao celebrar o batismo, mediante a assinalação da fronte das crianças com o sinal-da-cruz, feito pelo celebrante e pelos pais” (*Ritual do Batismo de crianças*, 1999, p.25)⁵.

O *Ritual de Iniciação Cristã dos Adultos* (RICA), além de manter o rito da *signação* na fronte, sugere a assinalação dos sentidos (olhos, boca, peito, ombros). “Os candidatos com os introdutores se aproximam sucessivamente do celebrante, que faz com o polegar o sinal da cruz na fronte de cada um

³ Taborda lista Basílio Magno e Tertuliano (baluartes da Patrística) entre os que designavam o batismo como chancela ou selo. (cf. TABORDA, 2001, nota de rodapé 11, p. 179).

⁴ Não é demais lembrar que as primeiras comunidades cristãs não conheciam uma crisma dissociada do batismo. Isso reforça a tese de que a assinalação, antes ou depois do banho batismal, não é nada mais que um dos gestos que copõem o “batismo completo”.

⁵ Ver também: CNBB, doc.19, n.44.

[...].” (RICA, 1975, p.35). A fórmula final utilizada pelo celebrante guarda bem o que se quer com esse rito: “Eu vos marco com o sinal da cruz em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, para que tenhais a vida eterna” (idem, p.36).

No sacramento da crisma, como a celebramos hoje, a consignação compõe o conjunto gestual do sacramento. Alia-se ao gesto de imposição das mãos e unção. “No Pontifical Romano do século XII [...] recorre-se pela primeira vez à fórmula, que depois se torna comum: *‘Eu te assinalo com o sinal da cruz e te confirmo com o crisma da salvação. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo’*”⁶ (PAULO VI, 1971). O que nos interessa aqui é o que atesta o atual Rito da Confirmação: ao impor as mãos, ungindo, o bispo o faça por meio do sinal da cruz. “O bispo, tendo mergulhado o polegar no crisma, marca o confirmando na fronte com o sinal da cruz” (*Rito da Confirmação*, 1973, p.34).

2. Origem e semântica do termo no cristianismo primitivo

O termo *sphragís*⁷, em seu uso mais generalizado, designava tanto o objeto (carimbo) que fazia o sinal como a impressão (carimbado) feita por esse mesmo objeto. Usava-se uma matriz feita de pedra preciosa fixada na base de uma haste que servia para imprimir, sobre a cera, um determinado selo ou marca.

A *sphragís* era ainda o sinete com a qual os pastores marcavam, a ferro incandescente, suas ovelhas, distinguindo-as das de outros rebanhos.

O exército romano também tinha uma espécie de *sphragís*. Era comum, no ato da arregimentação, que os soldados-recrutas fossem tatuados (*signaculum*) na mão ou no antebraço, como sinal de pertença a determinado batalhão.

Paulo usa o termo sempre de modo metafórico. Em sentido amplo, fala da comunidade de Corinto como o selo do seu apostolado no Senhor (cf. 1Cor 9,2). Num outro sentido, em Ef 1,13-14, em sua saudação inicial à comunidade de Éfeso, Paulo descreve, no contexto de uma bênção, o caminho do cristão. A *sphragís*, entendida como selo do Espírito, está no núcleo desse itinerário. “Nele [em Cristo], ainda, ouvistes a palavra da verdade, o Evangelho que vos salva. Nele, ainda, crestes e fostes marcados com o sinete do Espírito prometido, o Espírito Santo, adiantamento da nossa herança até a libertação final em que dela tomaremos posse, para o louvor da sua glória”. Eis o itinerário: (a) *ouvir* a Palavra; (b) *crer* em Jesus Cristo; (c) *ser selado* com o Espírito da promessa. “O Espírito Santo é identificado claramente como a chancela com que o cristão é assinalado para o dia da redenção escatológica” (TABORDA, 2001, p.191).

⁶ Veja uma interessante discussão sobre a tradução para o Brasil em TABORDA, 2001, p. 180. Taborda pensa que a tradução de *sphragís* por sinal enfraquece o intuito original da fórmula.

⁷ “*Sphragís* é o termo grego para designar chancela, sinete, selo” (TABORDA, 2001, p.191).

João, em seu evangelho (6,27), usa o termo para autenticar que as ações de Jesus são garantidas pelo próprio Pai. “É necessário que vos empenheis, não para obter o alimento perecível, mas o alimento que permanece para a vida eterna, o qual o Filho do Homem vos dará, pois foi ele que o Pai, que é Deus mesmo, marcou com o seu selo”.

Os “diversos usos vão servir aos Padres da Igreja para dar diferentes significações à *sphragís* batismal. [...] Nesse sentido a *sphragís* diz respeito a várias categorias”. (DANIELOU, 2013, p. 80). Marca a ovelha, o soldado, o escravo. Agrega, arregimenta, protege, estigmatiza.

2.1. Uma marca de pertença

Uma primeira aproximação dos Padres com a *sphragís* recupera a temática tanto do pastoreio como do universo militar. Encontra sua base na concepção paulina de Igreja como corpo/ corporação (cf. 1Cor 12,27). “Pela recepção da *sphragís* o catecúmeno aparece como incorporado ao rebanho do Bom Pastor” (DANIELOU, 2013, p.81). A *sphragís* dá ao iniciado na fé uma “senha” que lhe permite ingressar, fazer parte, da comunidade cristã. A ovelha pode ser (re)conhecida pelo pastor por causa de sua marca. Interessante que, só depois de assinalados, segundo o *Ritual do batismo* atual, os catecúmenos são convidados a entrar na igreja (templo).

A admissão dos candidatos começa com um diálogo pessoal com cada um deles [os candidatos ao batismo], significativo da sua decisão de entrar no ‘caminho da fé’, e da acolhida que sua decisão merece por parte da Igreja. Segue depois o rito da signação na fronte e nos sentidos por parte do celebrante e dos padrinhos, como primeiro sinal da ação de Cristo sobre o catecúmeno. A admissão termina com a entrada na igreja, como expressão da acolhida dos catecúmenos na “mesa da palavra de Deus”. No ritual das crianças, a formulação talvez seja mais expressiva: “Agora podeis ocupar vosso lugar na reunião dos cristãos” (BOROBIO, 1993, p.29).

A mesma ideia conserva-se na *sphragís* como signo de pertencimento militar. Cristo é, além de Pastor, Rei. A agremiação vale tanto para a ovelha, que passa a pertencer a um rebanho, como para o recruta, que será incorporado a um destacamento. Neste o recruta é alistado para a luta contra os inimigos do rei, garantindo a segurança do seu reinado. Naquele, a marca é sinal de que a ovelha tem um redil, ela pertence a um pastor. Teodoro de Mopsuéstia é quem consegue melhor aproximar as duas imagens:

“Ele [Cristo] te assinala a fronte com o óleo da unção, dizendo: ‘Fulano é assinalado em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo’. [...] A presente consignação indica que doravante estás marcado como ovelha de Cristo, como

soldado do Rei celeste. Pois uma ovelha, desde que é adquirida, recebe a marca de seu proprietário; ela pasta na mesma pastagem e volta ao mesmo redil que as que trazem a marca do mesmo proprietário. Assim é com o soldado alistado no exército; como foi encontrado digno de entrar no serviço do reino em razão de sua força física, inicialmente recebe na mão a marca do rei a quem ele serve a partir de agora (TEODORO DE MOPSUÉSTIA, *Homília 13*).

2.2. A *sphragís* é proteção

O aspecto de pertencimento já apontava, naturalmente, para um segundo. Este selo (*sphragís*) confere, além do vínculo, conservação. Vale aqui a catequese de Gregório Nazianzeno: “Se te proteges com a *sphragís*, marcando tua alma e teu corpo com a unção e com o Espírito, o que poderá te acontecer? É para ti, mesmo nesta vida, a maior segurança. A ovelha marcada não é facilmente pega pelo laço; aquela que não tem a marca é isca para os ladrões” (apud: DANIELOU, 2013, p. 81). Dídimo o Cego parece ter uma ideia congênere: “Com efeito, a ovelha que não está marcada é presa fácil para os lobos” (idem, p. 82).

E como é verossímil que essa besta selvagem, ouvindo essas palavras, se torne ainda mais selvagem — pois ela foi enfrentada — e queira assaltar à tua vista mesma, [o sacerdote], marcando-te na fronte com a marca da cruz com o óleo da unção, detém todo seu furor. Pois o diabo não ousará mais suportar tal visão. Como quem olha fixamente os raios do sol, desvia o olhar, da mesma forma ele [o diabo] ficará cego e irá embora. (JOÃO CRISÓSTOMO, *Terceira catequese batismal*, da Série Papadopoulos).

É interessante notar que a *sphragís* tem um propósito explícito de tornar o cristão forte e invencível ao demônio. Essa proteção (o sinal da cruz) é como uma casca ou mesmo um escudo que faz o inimigo da fé afastar-se.

A imposição da cruz aparece no batismo como uma forma de combate contra o demônio que lhe é atribuído desde o início. Igualmente o uso do sinal da cruz na vida cristã aparece como a expressão do fato de que o cristão continua a lutar contra o demônio. Pelo batismo este é vencido. Marcado com o sinal da cruz, o novo batizado não lhe pertence mais. Desde então, basta que faça o sinal da cruz para vencer os ataques e meter o diabo em fuga (DANIELOU, 2013, p.84).

2.3. Libertados porque estigmatizados

Do uso alegórico da *sphragís* haurido do universo pastoril (ovelha identificada, marcada) e militar (soldado tatuado segundo seu destacamento), soma-se um terceiro: um antigo costume de marcar os escravos. No Oriente “os escravos eram marcados por um sinal de pertença indelével, sob a forma de uma tatuagem. Essa tatuagem, diferentemente da dos soldados, era feita na fronte.” (DANIELOU, 2013, p.85). Já no Ocidente só os escravos fujões ganhavam essa tatuagem. “Essa marca era chamada de *sphragís* ou *stigma* e sua impressão era a *estigmatização*”. (ibidem).

Nesse âmbito estava o hábito de se marcarem em vista de uma divindade. A consagração de um fiel a Dionísio, p. ex., era feita por meio de uma *sphragís*, utilizando-se de agulhas incandescentes (cf. ibidem). Paulo vai nessa direção quando diz em Gl 6,17 que porta, simbolicamente, as marcas de Cristo. “Por conseguinte, que ninguém me atormente; pois trago em meu corpo as marcas de Jesus.” “Assinalar uma pessoa é caracterizá-la por sua pertença a determinado grupo ou a uma divindade. [...] A marca pode ser feita a fogo, pintada ou tatuada, mas pode, também, simplesmente, ser realizada com a mão, num gesto simbólico de assinalação” (TABORDA, 2001, p.189).

“Como quer que seja, vê-se o sentido que tomará nesta linha a *sphragís* batismal. Ela marcará a característica inviolável do cristão.” (DANIELOU, 2013, p.86). Uma assinalação que tem muito do esquema da participação nos mistérios de Cristo. Se morremos com Ele, com Ele viveremos (cf. Rm 6,8). Se sou assumido por Cristo, o Ungido, serei eu mesmo “cristo”. Ungido no Ungido. Assumido, assumo tudo que é dele, incluindo aqui, nesse caso, as marcas da morte como sinal de ressurreição.

3. O “verdadeiro” sentido da *sphragís*

Cirilo de Jerusalém traz à baila, em suas catequeses mistagógicas, a pneumatologia batismal conjugada com o tema da circuncisão, em ordem de uma espiritual e verdadeira *sphragís*. Ele diz: “Após a fé nós recebemos, como Abraão, a *sphragís* espiritual, tendo sido circuncidados no batismo pelo Espírito Santo” (apud: DANIELOU, 2013, p.88). Eis o verdadeiro sentido da iniciação cristã.

[...] a relação entre Espírito e *sphragís* é permanente. Isto dá azo a outra comparação ou nome que os Padre gregos também acentuam: a circuncisão. A circuncisão é o selo da aliança de Deus com Abraão. A ressonância eclesial do termo é evidente: a iniciação cristã “sela” os que fazem parte do povo de Deus. (BOROBIO, 1993, p.47-48).

Sphragís era sinônimo de circuncisão. Pena que a Tradução dos LXX não tenha mantido essa palavra como tradução natural para circuncisão (cf. DANIELOU, 2013, p.89). Ela aparece, nesse caso, como a marca de um

povo, os da raça de Abraão. Paulo, ao utilizar o termo *sphragís*, além dos já supracitados, o faz em paralelo com a personagem bíblica Abraão, mostrando que lá a *sphragís* (= circuncisão) era apenas figura da verdadeira, aquela dada por Cristo aos cristãos na cruz. (veja Gl 6,14-15; Rm 4,11). “[...] o que para Paulo é marca de sua dignidade, o que faz dele um homem consagrado, o que é mais que a circuncisão, é a cruz de Cristo. Ora Paulo traz as marcas dessa cruz em seu corpo. Essas marcas, ele as recebeu pela primeira vez quando se tornou uma nova criatura, isto é, no batismo”⁸ (DANIELOU, 2013, p.89).

[...] a comparação da circuncisão com a *sphragís* é um aspecto do tema mais geral da circuncisão como figura do batismo. Em particular, é frequente o paralelo entre a circuncisão no oitavo dia e o batismo como participação na ressurreição de Cristo na manhã depois do sábado, isto é, no oitavo dia (idem, p.90).

Conclusão: Assinalados para viver um projeto de salvação

A *sphragís* é um tema que acena para a totalidade da vida cristã⁹. Conserva sua indicação sacramental, mas a extrapola. Ela foi utilizada tanto para referir-se à configuração do cristão à morte de Cristo como para explicitar a efusão do Espírito, atuando de modo indelével, sempre com uma referência batismal, mas conservando um elã impulsionador da vida do cristão.

Com efeito, o catecúmeno, como gado que ainda não foi marcado com o sigilo, é um receptáculo vazio, um abrigo sem porta simplesmente aberto a quem venha, um refúgio para os bandidos, um covil para animais selvagens, uma morada para os demônios. Então, quando o Rei julgou por bem, num grande amor pelos homens, fazer desse receptáculo vazio, desse lugar sem porta, desse refúgio de bandidos, um palácio real, ele tomou cuidado, para preparar antecipadamente o abrigo, de nos enviar, tanto nós que ensinamos como os que exorcizam (JOÃO CRISÓSTOMO, *Segunda catequese batismal*, da Série Papadopoulos)

Existe um projeto sólido e incontestável na *sphragís*. Sua referência explícita ao grande batismo é indicativo de que estamos diante de um modo de Deus se autocomunicar salvando-nos. Cada sinal da cruz, feito em qualquer circunstância — quer no sacramento, antes do banho batismal (sinal da cruz sem unção), depois do banho (acompanhando a unção crismal), no início e no final de cada celebração litúrgica; quer no uso

⁸ Pseudo-Barnabé faz uma aproximação interessante do batismo com a circuncisão do AT. Veja em DANIELOU, 2013, p. 89-90.

⁹ Aliás, o caráter sacramental só tem verdadeiro sentido se daí decorre, e mesmo antecede, uma experiência genuinamente cristã. “Os sacramentos só podem ser entendidos no contexto de uma vida de seguimento de Jesus e, portanto, no contexto de ser Igreja, comunidade dos que creem no Senhor Ressuscitado” (TABORDA, 1989, 227).

popular, corriqueiro, antes e depois das refeições, ao passar em frente de uma igreja —, conserva um salutar costume que a viva Tradição da Igreja nos legou. Trata-se de fazer memória, em gesto, de um evento maravilhoso, o dia em que fomos salvos, resgatados do poder das trevas, do pecado e da morte, incluídos no Cristo, chamados à cristiformização. Lembra que, assinalados pelo Espírito, circuncidados (marcados) interiormente, somos convocados a ser sinal da cruz de Cristo. Está aí, nesse gesto simples, a síntese da vida do cristão autêntico.

Referências bibliográficas

Santo AMBRÓSIO. *Os sacramentos e os mistérios*. Tradução P. E. Arns. Petrópolis: Vozes, 1972 (Fontes da catequese; 5).

Bíblia TEB. Tradução Ecumênica da Bíblia. São Paulo: Loyola, 1994.

BOROBIO, D. (org.). *A celebração na Igreja*. Vol. II. Sacramentos. São Paulo: Loyola, 1993.

São CIRILO DE JERUSALÉM. *Catequeses Mistagógicas*. Tradução F. Vier. Petrópolis: Vozes, 1977.

_____. *Catequeses pré-batismais*. Tradução F. Vier e F. Figueiredo. Petrópolis: Vozes, 1978.

CNBB. *Ritual do Batismo de Crianças*. São Paulo: Paulus, 1999.

_____. *Batismo de crianças*. São Paulo: Paulinas, 1980 (Documentos da CNBB; 19).

_____. *Rito da Confirmação*. São Paulo: Edições Paulinas, 1973.

_____. *Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos*. São Paulo: Edições Paulinas, 1975.

DANIELOU, J. *Bíblia e Liturgia*. A teologia bíblica dos sacramentos e das festas nos Padres da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 79-93.

PAULO VI, PP. *Divinae Consortium Naturae*. 1971. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/apost_constitutions/documents/hf_p-i_apc_19710815_divina-consortium_po.html (acessado no dia 10/12/2013).

São JOÃO CRISÓSTOMO. *Quatro catequeses batismais* (série Papadopoulos). Tradução F. Taborda. Belo Horizonte: FAJE, 2013. Apostila de curso no Departamento de Pós-graduação em Teologia da FAJE. Tradução a partir da versão francesa de A. Wenger.

TABORDA, F. *Nas fontes da vida cristã*. Uma teologia do batismo-crisma. São Paulo: Loyola, 2001. p.177-181.

_____. *Vida Cristã e Sacramentos*. Para uma pastoral sacramental teologicamente atualizada. In: *Perspectiva Teológica*. Belo Horizonte, v. 21, n. 54, p. 227-236, 1980.

THEODORE DE MOPSUESTE, *Homélies catéchétiques*. Paris: Migne, 1996 (Col. "Les Pères dans la foi"). *Homilias catequéticas* de 11 a 16. Apostila de TABORDA, F. – Homilia 11,

traduzida da versão francesa de M. Debié. Homilias 12-16, traduzidas da versão francesa de G. Couturier e Th. Matura.